COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

Marcela Aguiar Benites

UMA ABORDAGEM SOBRE A PERCEPÇÃO DA BELEZA E FEIURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Rio de Janeiro

2025

Marcela Aguiar Benites

UMA ABORDAGEM SOBRE A PERCEPÇÃO DA BELEZA E FEIURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de produto educacional apresentado a Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais

Orientador (a) Professor (a) Dr. Camila Nagem Marques Vieira

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

B467 Benites, Marcela Aguiar

Uma abordagem sobre a percepção da beleza e feiura na educação infantil no ensino de artes visuais / Marcela Aguiar Benites. – Rio de Janeiro, 2025.

40 f.

Produto Educacional apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Camila Nagem Marques Vieira.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Educação Infantil. 3. Estética. 4. Sequência didática. I. Vieira, Camila Nagem Marques. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Marcela Aguiar Benites

UMA ABORDAGEM SOBRE A PERCEPÇÃO DA BELEZA E FEIURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de produto educacional apresentado a Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes

Aprovado em: _____/_____/_____.

Banca Examinadora:

_____
Dra. Camila Nagem Marques Vieira (Orientador)
Colégio Pedro II – Departamento de Artes Visuais
PROPGPEC - EEAV

_____
Dra. Luisa Mendes Tavares
Colégio Pedro II – Departamento de Artes Visuais
PROPGPEC - EEAV

_____
Me. Nilza Cristina de Souza Culmant Ramos
Colégio Pedro II – Departamento de Artes Visuais

Rio de Janeiro

2025

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor Jesus. Meu Guia.

Ao meu marido, Valney, pela compreensão e apoio.

À minha doce Alice por ser minha maior motivação.

RESUMO

Este trabalho apresenta o desenvolvimento de um produto educacional voltado para o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Especialização do Colégio Pedro II. A proposta tem como objetivo principal ampliar a percepção estética das crianças sobre os conceitos de beleza e feiura, problematizando padrões estéticos tradicionais por meio de práticas artísticas e de uma abordagem sensível à diversidade e à natureza. O produto educacional, fundamentado em autores como Dewey, Eco, Gardner, Vygotsky e Scruton, consiste em uma sequência de atividades pedagógicas destinadas a crianças de 4 a 6 anos, organizadas para estimular a escuta sensível, a valorização das diferenças e a apreciação estética para além dos julgamentos binários de “bonito” e “feio”. As atividades propostas exploram elementos naturais frequentemente marginalizados pela estética convencional, incentivando uma relação afetiva e respeitosa com o ambiente e os seres vivos. A metodologia combina pesquisa teórica e análise de experiências educativas em Artes Visuais, resultando em uma proposta que busca contribuir para a formação estética, emocional e ecológica das crianças. O trabalho destaca a importância de práticas pedagógicas que considerem a estética ecológica como eixo para o desenvolvimento integral e para a construção de uma educação mais humanizadora e inclusiva.

Palavras-chave: Produto educacional. Artes Visuais. Educação Infantil. Estética.

ABSTRACT

This study presents the development of an educational product aimed at teaching Visual Arts in Early Childhood Education, within the scope of the Postgraduate Specialization Program at Colégio Pedro II. The main objective is to broaden children's aesthetic perception regarding the concepts of beauty and ugliness, challenging traditional aesthetic standards through artistic practices and a sensitive approach to diversity and nature. The educational product, based on authors such as Dewey, Eco, Gardner, Vygotsky, and Scruton, consists of a sequence of pedagogical activities designed for children aged 4 to 6, fostering sensitive listening, appreciation of differences, and aesthetic exploration beyond binary judgments of "beautiful" and "ugly." The proposed activities use natural elements often marginalized by conventional aesthetics to encourage an affective and respectful relationship with the environment and living beings. The methodology combines theoretical research and analysis of educational practices in Visual Arts, resulting in a proposal that seeks to contribute to the children's aesthetic, emotional, and ecological development. This work highlights the importance of pedagogical practices that incorporate ecological aesthetics as a foundation for integral development and the construction of a more humanizing and inclusive education.

Keywords: Educational product. Visual Arts. Early Childhood Education. Aesthetics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **9**
2 REFERENCIAL TEÓRICO **11**
2.1. DEFINIÇÃO DE BELEZA E FEIURA 12
2.2 A PERCEPÇÃO INFANTIL 23
2.3 ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL 24
2.4 A ESTÉTICA ECOLÓGICA E a Experiência da Bele 26
3 DESENVOLVIMENTO **28**
3.1 JUSTIFICATIVA 28
3.2 OBJETIVOS 29
3.3 PÚBLICO-ALVO 29
3.4 ATIVIDADES PROPOSTAS 29
3.5 MATERIAIS NECESSÁRIOS 34
3.6 AVALIAÇÃO 35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS **35**
REFERÊNCIAS **36**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quatro estações em uma cabeça. Arcimboldo, 1950……13
Figura 2 – Frances Susanna, Lady de Dunstanville……14
Figura 3 – Menino segurando flor……..36
Figura 4 - Manguezal……..32

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é construir um produto educacional que ofereça aos professores da Educação Infantil uma sequência de atividades práticas com base em referenciais teóricos da área de Artes, Educação e Filosofia.

A escolha do tema deste trabalho surgiu a partir de observações em contextos de educação infantil e das discussões realizadas durante a especialização, nas quais ficou evidente como as crianças, desde muito pequenas, começam a formar suas noções de beleza e feiura. Certas falas espontâneas, como “Isso é feio!” ou “Isso é bonito!”, surgem com frequência nas interações cotidianas, refletindo julgamentos que não são apenas individuais, mas que carregam influências culturais, sociais e familiares. Essa constatação despertou em mim o desejo de investigar como essas percepções são construídas e, mais do que isso, como o ensino de Artes Visuais pode colaborar para ampliar o olhar estético das crianças, promovendo o respeito à diversidade e a valorização da diferença.

O foco será o uso de elementos da natureza (como manguezais, restingas, urubus, plantas rasteiras e animais geralmente rejeitados por sua aparência) como ponto de partida para essa reflexão estética. A intenção é despertar nas crianças o olhar atento e curioso diante do que, muitas vezes, é ignorado ou rejeitado por não se encaixar em padrões tradicionais de beleza. Ao utilizar as Artes Visuais como linguagem mediadora, será possível favorecer a construção de sentidos mais amplos sobre o belo e o feio, fomentando também a autoestima, a empatia e a aceitação do outro.

Com base em autores como John Dewey, Umberto Eco, Roger Scruton, Howard Gardner, Vygotsky e outros que tratam do desenvolvimento estético e cognitivo na infância, este produto educacional se propõe a oferecer não apenas reflexões teóricas, mas caminhos práticos para que os professores incorporem essas discussões em sala de aula por meio da arte. Assim, a proposta visa colaborar para a construção de uma educação mais plural, estética e humanizadora desde os primeiros anos escolares.

Discutir os conceitos de beleza e feiura na Educação Infantil vai além de uma questão estética: trata-se de uma abordagem que toca diretamente na formação da identidade, na construção de valores e no modo como as crianças se relacionam com o mundo ao seu redor. Desde cedo, os pequenos reproduzem discursos e percepções que aprendem no convívio familiar, na escola, nas mídias e em outras vivências culturais. Esses discursos, muitas vezes, carregam preconceitos ou julgamentos fixos sobre o que é considerado belo ou feio, bonito ou

desagradável, o que é "do bem" ou "do mal". No contexto escolar, isso pode gerar exclusões simbólicas e até conflitos entre colegas.

As Artes Visuais, por sua natureza sensível e expressiva, oferecem um terreno fértil para trabalhar essas questões de forma lúdica, reflexiva e respeitosa. Por meio da arte, é possível ampliar repertórios, estimular a curiosidade e criar um ambiente de escuta e valorização da diversidade. Utilizar elementos da natureza considerados “feios” ou “menos valorizados” (como manguezais, urubus, insetos ou plantas rasteiras) como objetos de estudo e criação artística, é uma forma de desafiar os estereótipos e ensinar as crianças a enxergar beleza onde antes havia rejeição.

Esta proposta se justifica, portanto, pela necessidade de oferecer aos professores da Educação Infantil instrumentos pedagógicos concretos para promover uma educação estética plural e inclusiva, que valorize diferentes formas de ver, sentir e interpretar o mundo. O trabalho visa colaborar para o desenvolvimento integral das crianças, respeitando suas subjetividades e incentivando a empatia, a criatividade e a liberdade de expressão.

O objetivo geral deste estudo é propor uma sequência de atividades em Artes Visuais para a Educação Infantil que promova reflexões sobre os conceitos de beleza e feiura, valorizando a diversidade estética e contribuindo para uma formação mais empática, crítica e sensível.

Os objetivos específicos são explorar, com as crianças, elementos da natureza frequentemente associados à feiura (ex.: manguezais, urubus, caranguejos, fungos, árvores secas) como objetos de investigação estética, estimular a apreciação de diferentes formas de beleza por meio de observações, brincadeiras, rodas de conversa e atividades artísticas e estimular nas crianças a capacidade de reconhecer e valorizar a diversidade de formas, cores, texturas e expressões presentes na natureza e nas produções humanas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Definição de Beleza e Feiura

A discussão sobre a percepção de beleza e feiura na educação infantil é, sem dúvida, complexa e multifacetada. Esses conceitos, quando abordados de maneira apropriada, podem ter um impacto significativo na formação estética e criativa das crianças. A seguir, exploramos como a percepção desses conceitos pode influenciar o ensino de Artes Visuais e como os educadores podem adotar estratégias eficazes para promover uma educação artística inclusiva e enriquecedora. A fragmentação do ensino de artes nas escolas brasileiras é uma questão crítica que merece uma análise aprofundada. Duarte (1988 apud Pedroso e Zanlorenzi, 2012) destaca que, na prática educacional brasileira, a arte muitas vezes é tratada como uma disciplina secundária ou marginal, o que limita seu impacto no desenvolvimento das crianças. Essa percepção reduz a arte a uma atividade ocasional, muitas vezes relegada a momentos esporádicos no currículo escolar, em vez de integrá-la de maneira significativa e contínua.

Eco (2007) propõe um olhar alternativo sobre os valores estéticos, desafiando a dicotomia clássica entre o belo e o feio. A escolha do autor por iniciar com o belo e, posteriormente, voltar-se ao feio, não é arbitrária: parte do pressuposto de que o feio, historicamente, tem sido compreendido como o "não-belo", ou seja, como uma negação, uma ausência de valor. No entanto, a partir de referências filosóficas, literárias e artísticas, Eco (2007) demonstra que o feio possui uma autonomia estética que atravessa os tempos e as culturas.

O feio foi representado nas artes (FIGURA 1) e na literatura, assumindo significados que vão além da mera repulsa ou desagrado. A feiura possui um valor próprio, e que, muitas vezes, adquire até mesmo características de sublime, quando mediada pela arte. Durante a Antiguidade, a beleza era entendida como aquilo que obedecia a proporções harmônicas, tendo como modelo as formas divinas idealizadas pelos gregos. A feiura, por oposição, era considerada uma deformidade ou anomalia da natureza. Já na Idade Média, o feio passa a ser associado ao pecado, ao grotesco e ao demoníaco. As imagens do inferno, os monstros, os corpos mutilados e as representações de bruxas e criaturas malignas eram comuns nas igrejas e manuscritos, servindo como advertência moral aos fiéis. Assim, o feio assume um caráter simbólico e funcional dentro da doutrina cristã (Eco, 2007).

Figura 1 - Quatro estações em uma cabeça. Arcimboldo, 1950.

Fonte: National Gallery of Art.

Com o advento do Renascimento, há um retorno à valorização da harmonia clássica, mas o feio persiste nas margens da produção artística, sobretudo nas obras que retratam o sofrimento humano, a morte, a loucura e o irracional. No Barroco, por exemplo, o contraste entre luz e sombra, entre o belo e o macabro, cria uma tensão estética que evidencia a complexidade dos afetos humanos. Pintores como Caravaggio e escultores como Bernini exploraram essa ambivalência de forma magistral (Eco, 2007).

Já no século XVIII, com o Iluminismo, a beleza se torna um tema de debate filosófico. Teóricos como Burke e Kant discutem a experiência estética e distinguem o belo do sublime. Enquanto o belo está ligado à ordem e à delicadeza, o sublime envolve grandeza, terror e emoção intensa. Eco analisa essas distinções e destaca como, nesse período, começa a surgir uma estética do sentimento (FIGURA 2), que prepara o terreno para as transformações do século XIX (Eco, 2004).

Figura 2 - Frances Susanna, Lady de Dunstanville.

Fonte: Thomas GAINSBOROUGH (1727-1788). National Gallery of Art, Washington, EUA.

Com o Romantismo e os movimentos modernos, a noção de beleza torna-se ainda mais subjetiva e fragmentada. A sensibilidade romântica valoriza a expressão pessoal, a originalidade e a melancolia. A beleza passa a incluir o irregular, o exótico, o trágico. Baudelaire, por exemplo, afirma que há beleza na decadência, e os artistas modernos rompem com os modelos clássicos de harmonia (Eco, 2004).

Na era contemporânea, especialmente no século XX, a beleza é amplamente desconstruída. Os padrões tradicionais são contestados por movimentos como o dadaísmo, o surrealismo e o expressionismo. Obras que antes seriam consideradas “feias” passam a ser reconhecidas como inovadoras ou provocativas. Eco ressalta como, nesse cenário, a beleza se torna uma experiência individual, subjetiva e até mesmo contraditória (Eco, 2004).

Além disso, os meios de comunicação de massa e a indústria cultural criam formas de beleza padronizada, vinculadas à moda, à publicidade e ao consumo. A estética torna-se inseparável da cultura visual e da tecnologia, sendo cada vez mais mediada por imagens digitais e representações artificiais. O belo contemporâneo, portanto, convive com o superficial, o simulacro e o efêmero (Eco, 2004).

No século XIX, com autores como Baudelaire, Poe e Dostoievski, a literatura mergulha nas profundezas do grotesco e do abjeto, revelando um interesse crescente pelo lado sombrio

da existência. A feiura deixa de ser apenas um atributo físico e passa a incorporar aspectos psicológicos e existenciais. Já no século XX, com as vanguardas artísticas e os movimentos como o expressionismo e o surrealismo, o feio é reivindicado como uma forma de ruptura estética e política. Obras de artistas como Salvador Dalí e Francis Bacon revelam a potência expressiva do desconforto, do deformado, do estranho (Eco, 2007).

Em tempos mais recentes, até mesmo figuras populares como Marilyn Manson são incorporadas por Eco (2007) como exemplos contemporâneos da estetização do feio. Através de roupas, maquiagem e performances transgressoras, Manson representa uma crítica à normatividade e à cultura do consumo, evidenciando como o feio pode ser também subversivo e sedutor.

Um dos aspectos mais interessantes abordados por Eco (2007) é a possibilidade de que o feio, quando mediado pela arte, torne-se belo ou admirável. Essa inversão estética rompe com os modelos tradicionais de julgamento e revela a relatividade dos valores estéticos. A feiura, em certos contextos, pode provocar prazer, compaixão, curiosidade e até mesmo fascínio. O exemplo dos monstros mitológicos ou das criaturas dos contos de fadas ilustra bem essa dualidade. Por vezes, aquilo que à primeira vista parece repulsivo, revela-se digno de empatia ou respeito. Eco (2007) mostra que o sublime pode emergir do horror, e que o belo não está necessariamente ligado ao equilíbrio ou à simetria, mas à capacidade de afetar, de perturbar, de provocar reflexão.

Na maioria das escolas brasileiras, a arte é frequentemente abordada de maneira superficial. Em muitos casos, a disciplina é incluída no currículo como um "acréscimo" à carga horária principal, como matemática e português, em vez de ser considerada uma área essencial para o desenvolvimento integral dos alunos. Essa abordagem reduz a arte a um "extra" que é dispensável, subestimando seu potencial para contribuir significativamente para o crescimento intelectual e emocional das crianças. A fragmentação do ensino de artes limita o potencial da disciplina para desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento estético e intelectual das crianças. Quando a arte não é integrada de maneira significativa, perde-se a oportunidade de utilizar essa disciplina como um meio poderoso de expressão criativa e reflexão pessoal. A arte pode ajudar as crianças a desenvolver habilidades críticas, a capacidade de pensar de maneira divergente e a apreciar a diversidade cultural e estética. Para que a educação em Artes Visuais tenha um impacto positivo real, é crucial que a arte seja tratada não apenas como uma atividade extracurricular, mas como uma parte integral e essencial do currículo escolar. A integração significativa da arte deve envolver a criação de um currículo que valorize a arte tanto quanto outras disciplinas centrais. Isso implica em alocar tempo suficiente para a prática

artística, assegurar que os educadores sejam capacitados e apoiados na área de artes, e garantir que a arte seja abordada de maneira que se conecte com outras áreas do conhecimento.

A educação estética é um campo que vem ganhando relevância no contexto educacional contemporâneo ao propor uma abordagem mais sensível, subjetiva e significativa do processo de aprendizagem. Conforme Arruda e Deus (2021), a educação estética busca resgatar a dimensão do sensível, da beleza e das emoções no espaço escolar, promovendo um reencontro com a arte como linguagem essencial à formação humana. Trata-se de um percurso que transita desde a Antiguidade até os debates atuais, ressignificando o lugar da arte e da estética no processo educativo.

Historicamente, a estética (do grego *aisthesis*, que significa percepção sensível) surgiu como uma reflexão filosófica sobre a arte, a beleza e o gosto. Inicialmente restrita à apreciação das obras de arte, essa disciplina ampliou seus horizontes e passou a dialogar com o campo da educação, como apontam Ormezzano e Federizzi (2012), ao explorar os modos como os indivíduos percebem, sentem e se expressam diante do mundo.

No campo da filosofia, figuras como Platão e Aristóteles foram fundamentais para a constituição do pensamento estético. Platão, por exemplo, entendia a arte como uma imitação do mundo das ideias, sendo o belo uma forma de expressar o bem e a perfeição (Ormezzano, 2007). Para ele, a arte que se aproxima da razão e da virtude seria a mais adequada ao desenvolvimento humano. Em sua visão, a beleza não se encontra nas coisas sensíveis, mas nas ideias puras e eternas, acessíveis apenas pela intuição e pela razão.

Aristóteles, por outro lado, embora também valorize a razão, propõe uma abordagem mais imanente, considerando a arte como uma forma de *catharsis*, ou seja, de purificação das emoções por meio da experiência estética. Assim, a arte e a educação estética passam a desempenhar um papel importante na formação ética e emocional dos indivíduos, ao permitir o reconhecimento e a elaboração de sentimentos por meio da fruição e da criação artística.

No entanto, a concepção moderna de estética, segundo Jimenez (1999), só surge a partir do século XVIII, quando a arte deixa de ser vista apenas como uma habilidade técnica — ligada ao ofício dos artesãos (e passa a ser considerada uma atividade intelectual e sensível). A partir desse momento, a estética começa a se constituir como um campo autônomo de reflexão, influenciado pelas transformações culturais, filosóficas e sociais da modernidade.

Kant foi um dos principais filósofos a consolidar esse novo olhar sobre a estética. Para ele, o julgamento do gosto não depende de conceitos racionais, mas de um sentimento de prazer ou desprazer desinteressado, que emerge da contemplação da forma da obra de arte. Essa valorização da subjetividade estética traz implicações profundas para a educação, pois convida

os educadores a repensarem suas práticas pedagógicas, considerando o sensível, o simbólico e o emocional como dimensões igualmente relevantes no processo de ensinar e aprender (Arruda; Deus, 2021).

A proposta de uma educação estética, portanto, vai além da simples inserção de conteúdos artísticos no currículo. Ela propõe uma mudança de paradigma, que reconhece a arte como forma de conhecimento e de expressão da subjetividade. Segundo Duarte Júnior (2001), a educação estética deve ser compreendida como uma experiência que desperta a sensibilidade, a imaginação e a criatividade, promovendo uma formação integral do ser humano.

Nesse sentido, a arte-educação e a educação estética se entrelaçam de forma indissociável. Ambas partem do pressuposto de que o contato com a arte permite o desenvolvimento de um olhar mais crítico, sensível e empático sobre o mundo. Como destacam Arruda e Deus (2021), essa abordagem busca valorizar a vivência estética como um compartilhamento de experiências, marcado por sensações, sentimentos e conflitos. A escola, nesse contexto, torna-se um espaço de escuta, de acolhimento e de expressão das subjetividades.

O trabalho pedagógico com a arte deve, então, ultrapassar a reprodução de técnicas ou estilos, para se tornar uma prática dialógica, aberta à experimentação e à construção coletiva de sentidos. A arte, nesse contexto, não é apenas um meio para o desenvolvimento cognitivo, mas uma linguagem própria, que permite aos sujeitos elaborarem suas experiências, suas angústias e seus desejos.

Como afirma Vilela (2009), a educação estética possibilita a emergência de um sujeito mais consciente de si e do outro, capaz de se posicionar criticamente diante da realidade e de intervir nela de forma criativa. Ao estimular a percepção estética, a escola pode contribuir para o fortalecimento da autonomia, da sensibilidade e da capacidade de imaginar novos mundos.

Em um mundo marcado por aceleração, tecnicismo e instrumentalização da vida, o resgate da dimensão estética da existência assume um papel relevante. A educação estética nos convida a desacelerar, a escutar o corpo, os afetos e os silêncios. Ela nos desafia a reencantar o cotidiano por meio da arte, da beleza e da criação.

Por fim, é possível afirmar que a educação estética, ao articular razão e sensibilidade, contribui para uma educação mais humana, integradora e transformadora. Ela promove um processo formativo que reconhece o ser humano em sua totalidade - corpo, emoção, pensamento e ação. Como salientam Arruda e Deus (2021), essa perspectiva exige que os educadores estejam abertos ao inusitado, ao poético e ao sensível, construindo com seus alunos experiências que ampliem o olhar e toquem a alma.

Quando a arte é integrada de forma significativa no currículo, ela contribui para o desenvolvimento global dos alunos. Através da prática artística, as crianças têm a oportunidade de explorar e expressar suas emoções, desenvolver habilidades motoras e cognitivas, e ampliar sua compreensão cultural. A arte promove a capacidade de pensamento crítico e resolução de problemas, habilidades que são valiosas em todas as áreas do aprendizado e da vida.

Barros e Albino (2021) exploram como as teorias da aprendizagem evoluíram e influenciam a abordagem de conceitos como beleza e feiura. As abordagens educacionais estão em constante transformação, e as teorias da aprendizagem moldam a forma como os educadores lidam com esses conceitos na educação infantil. É essencial compreender como as crianças aprendem e percebem a beleza e a feiura para adaptar o ensino de Artes Visuais às suas necessidades e capacidades cognitivas.

Cole et al. (1991) oferecem uma perspectiva crucial sobre o desenvolvimento da percepção infantil. Eles indicam que as crianças descrevem e interpretam figuras de maneira diferente em vários estágios de desenvolvimento. Crianças mais novas tendem a descrever objetos de maneira mais limitada e concreta, enquanto crianças mais velhas podem compreender e expressar relações e ações complexas entre os objetos. Essa evolução na percepção influencia como as crianças entendem e reagem aos conceitos de beleza e feiura. Os educadores devem considerar esses estágios de desenvolvimento ao planejar atividades artísticas para garantir que as experiências sejam apropriadas e estimulantes.

Silva et al. (2022) exploram como as crianças constroem significados e simbologias a partir de sua interação com o ambiente social e cultural. A introdução gradual dos códigos culturais influencia como as crianças interpretam e produzem arte. Entender esse processo de construção de significado é fundamental para compreender como as crianças internalizam e aplicam conceitos de beleza e feiura na arte.

A pesquisa de Buss e Stoltz (2020) revela a importância da família e da escola na formação dos conceitos de beleza e feiura. Enquanto crianças mais novas são predominantemente influenciadas pelos valores familiares, as mais velhas começam a ser impactadas pela mídia, especialmente pelas redes sociais. Essas influências externas moldam como as crianças percebem e avaliam a beleza e a feiura. Portanto, é fundamental que a abordagem educacional reconheça e gerencie essas influências variadas para proporcionar uma perspectiva equilibrada e crítica sobre a arte. A reflexão filosófica sobre a beleza é enriquecida por autores como Roger Scruton e Herbert Read. Scruton (2013) oferece uma perspectiva filosófica sobre o valor da beleza, argumentando que a beleza possui um valor universal e real que transcende o gosto pessoal. Por outro lado, Read (1978 apud Oliveira e Nunes, 2020)

questiona a associação tradicional entre beleza e arte, sugerindo que a apreciação da arte deve considerar a diversidade cultural e não se restringir apenas ao que é convencionalmente belo. Em uma análise pessoal, no campo das artes é possível perceber as contribuições de artistas como Gustav Klimt, Francis Bacon e Paul Klee, que exploram de diferentes formas e aspectos o conceito da beleza e da feiura em suas obras, oferecendo uma perspectiva diversificada sobre o que pode ser considerado estético. A integração das teorias do desenvolvimento cognitivo, a influência da mídia e das experiências pessoais, e as reflexões filosóficas sobre a beleza no currículo educacional são essenciais para promover um desenvolvimento estético enriquecedor. Uma abordagem integrada e contextualizada no ensino de artes deve considerar a diversidade perceptiva e cultural das crianças, reconhecendo as diferentes influências e perspectivas que moldam sua compreensão estética.

As reflexões filosóficas sobre beleza, abordadas por autores como Roger Scruton, Umberto Eco, Edmund Burke e John Dewey, oferecem uma base rica para compreender a complexidade dos conceitos de beleza e feiura na educação e na prática artística. Cada autor contribui com uma perspectiva distinta que enriquece nossa compreensão desses conceitos e sua aplicação no contexto educacional.

Em seu livro "Beleza" (2013), Roger Scruton argumenta que a beleza possui um valor universal e real que transcende o gosto pessoal e as preferências culturais. Scruton (2013) defende que a beleza não é meramente uma questão de opinião subjetiva, mas sim um valor intrínseco que pode ser reconhecido e apreciado de maneira objetiva. Ele explora como a beleza influencia nossa percepção do mundo e nossa experiência estética, afirmando que a busca pela beleza é uma parte fundamental da condição humana. Para a educação infantil, isso sugere a importância de introduzir conceitos de beleza que vão além das preferências individuais, promovendo uma apreciação mais profunda e universal da arte.

Umberto Eco, em "História da Beleza" (2004) e "História da Feiura" (2007), oferece uma análise histórica e cultural dos conceitos de beleza e feiura. Eco explora como esses conceitos evoluíram ao longo do tempo e como foram influenciados por diferentes culturas e períodos históricos. Através de uma abordagem interdisciplinar, Eco revela como as noções de beleza e feiura são moldadas por contextos sociais e culturais específicos. Essa perspectiva é crucial para a educação artística, pois destaca a importância de compreender os conceitos estéticos dentro de um contexto histórico e cultural, permitindo que as crianças reconheçam e apreciem a diversidade das expressões artísticas.

Em "Uma Investigação Filosófica sobre a Origem de Nossas Ideias de Sublime e Belo", Edmund Burke (2003) analisa os conceitos de sublime e belo, oferecendo uma compreensão

filosófica de como essas ideias se desenvolvem e se manifestam. Burke argumenta que o sublime está associado a experiências de grandeza e intensidade emocional, enquanto o belo está relacionado a qualidades de harmonia e agradabilidade. Sua análise ajuda a distinguir entre diferentes tipos de experiências estéticas e como elas impactam nossa percepção da arte. Para os educadores, compreender essa distinção pode enriquecer a forma como abordam e discutem a arte com as crianças, incentivando uma apreciação mais ampla e profunda das qualidades estéticas.

John Dewey, em "Arte como Experiência" (1934), propõe que a arte deve ser entendida como uma experiência integral que envolve tanto a criação quanto a percepção. Dewey argumenta que a arte não é apenas uma representação estética, mas uma forma de experiência que conecta o criador e o espectador de maneira significativa. Ele enfatiza a importância da experiência estética na formação do sentido de beleza e no desenvolvimento da capacidade criativa. Para a educação infantil, a abordagem de Dewey sugere a necessidade de criar experiências artísticas que envolvam as crianças de forma ativa e participativa, permitindo-lhes explorar e expressar suas próprias percepções de beleza e feiura.

Para promover um desenvolvimento estético enriquecedor nas crianças, é essencial integrar as teorias do desenvolvimento cognitivo, a influência da mídia e das experiências pessoais, junto com as reflexões filosóficas sobre a beleza, no currículo educacional. Compreender as diferentes formas como a beleza e a feiura são percebidas e valorizadas deve informar a criação de experiências educativas que respeitem e valorizem a diversidade estética e cultural. Isso exige uma abordagem integrada e contextualizada no ensino de artes, reconhecendo as variadas influências e perspectivas que moldam a compreensão estética das crianças. Ao incorporar essas perspectivas filosóficas e teóricas, os educadores podem criar um ambiente mais rico e inclusivo que apoie o desenvolvimento artístico e a apreciação estética das crianças.

Essa abordagem integrada e reflexiva é fundamental para garantir que a educação em Artes Visuais contribua de maneira significativa para o desenvolvimento estético e cultural das crianças, preparando-as para uma apreciação mais profunda e consciente da arte e do mundo ao seu redor.

Esses autores e recursos fornecem uma base sólida para discutir como a percepção de beleza e feiura influencia o ensino de Artes Visuais na educação infantil. Destacam a necessidade de uma abordagem reflexiva e integrada que respeite e valorize a diversidade perceptiva das crianças, contribuindo para um ambiente educativo mais inclusivo e estimulante.

> Existe uma ideia encantadora sobre a beleza que remete a Platão e Plotino e que foi incorporada ao pensamento teológico cristão. Segundo ela, a beleza é um valor supremo que buscamos por si só, sem ser necessário fornecermos qualquer motivo ulterior. Desse modo, a beleza deve ser comparada à verdade e à bondade, integrando um trio de valores supremos que justifica nossas inclinações racionais.(Scruton, 2013, p. 9)

Esta é uma visão clássica a respeito da beleza que aponta para filosofia de Platão e Plotino e depois foi incorporada na teologia cristã. Segundo Scruton, neste entendimento a beleza ganha um status elevado, onde o ser humano a busca de forma natural e sem razões práticas. Assim, a beleza possui valor e caráter universal, ela possui valor em si mesma.

De acordo com Oliveira (2020), para Platão (340 a.C), “o belo é o ideal da perfeição só podendo ser contemplado em sua essência por meio de um processo de evolução filosófica e cognitiva do indivíduo por meio da razão, que lhe proporcionaria conhecer a verdade harmônica do cosmo”.

> Um outro critério a nos guiar é que a estreita relação que a época moderna estabeleceu entre Beleza e Arte não é assim tão evidente. Se determinadas teorias estéticas modernas reconheceram apenas a Beleza da arte, subestimando a Beleza da natureza, em outros períodos históricos aconteceu o inverso: a Beleza era uma qualidade que podiam ter as coisas da natureza (como um belo luar, um belo fruto, uma bela cor), enquanto a arte tinha apenas a incumbência de fazer bem as coisas que fazia, de modo que servissem ao escopo a que eram destinadas - a tal ponto que se considerava arte tanto aquela do pintor e do escultor, quanto aquela do construtor de barcos, do marceneiro ou do barbeiro. Somente muito mais tarde, para distinguir pintura, escultura e arquitetura daquilo que hoje chamaríamos de artesanato, é que se elaborou a noção de Belas Artes (Eco, 2004, p.10).

O autor Umberto Eco vem ressaltando a relação da beleza e da arte e que esta relação sofreu variações ao longo da história. No passado, a beleza estava relacionada com a natureza, como o exemplo que o autor cita, um belo luar ou uma fruta. Assim a arte não era reconhecida como uma manifestação do belo mas era entendida como resultado das habilidades humanas onde se produzia objetos bem executados. A Arte tinha seu valor atrelada a sua funcionalidade e técnica empregadas. Nisso, Eco (2004) aponta que a Arte tinha o mesmo valor que o artesanato e outras habilidades como fabricar um móvel por exemplo. A diferença entre arte e artesanato não existia praticamente, pelo contrário, se confundia o entendimento a respeito das habilidades e técnicas. Logo, a arte não possuía um papel de elevar o ideal estético ou transcender o espírito humano. Porém, foi a partir do Iluminismo no século XVIII que surgiu o conceito de Belas Artes, "a teoria, a fruição e os conceitos de arte e beleza foram amplamente comentados no século XVIII por ensaístas e filósofos" (Martini, 2020).

> Dizer que belo e feio são relativos aos tempos e às culturas (ou até mesmo aos planetas) não significa, porém, que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidos em relação a um modelo estável. Pode-se sugerir também, como Nietzsche no Crepúsculo dos ídolos, que "no belo, o ser humano se coloca como medida da perfeição;" (...) "adora nele a si mesmo. (...) No fundo, o homem se espelha nas coisas, considera belo tudo o que lhe devolve a sua imagem. (...) O feio é entendido como sinal e sintoma da degenerescência (...) Cada indício de esgotamento, de peso, de senilidade, de cansaço, toda espécie de falta de liberdade, como a convulsão, como a paralisia, sobretudo o cheiro, a cor, a forma da dissolução, da decomposição (...) tudo provoca a mesma reação: o juízo de valor 'feio'. (...) O que odeia o ser humano? Não há dúvida: o declínio de seu tipo (Eco, 2007, p.15).

Eco (2007) faz referência a Nietzsche, apresentando uma análise sobre o belo e o feio, os valores humanos que nos movem e os culturais. Mesmo que a ideia de beleza e feiura seja relativa de acordo com períodos históricos, culturas e contextos, sempre houve um esforço para organizar e padronizar esses conceitos, nisto entende-se que o ser humano tem forte necessidade de organizar e ou padronizar as ideias. Eco (2007) aponta que o feio, segundo Nietzsche, é percebido como sendo uma ameaça aos ideais humanos pois foge do padrão do que refletimos. Para Nietzsche, o belo tem relação com as características humanas, logo esta seria a medida perfeita. Por outro lado, tudo aquilo que possui propriedades de degeneração, fraqueza, cansaço e etc, é identificado como feio, nisso repercute o medo do declínio humano, da perda da juventude e até mesmo do extermínio da espécie.

Com o entendimento de beleza e feiura mais esclarecido, embora sejam conceitos relativos às culturas, contextos e períodos, sempre houve um esforço a fim de padronizar e organizar essas ideias, refletindo assim valores considerados universais ou individuais. Scruton, baseado em Platão e Plotino, fala da beleza como sendo um ideal divino. Para Eco com base em Nietzsche, o belo e feio tem relação com os valores e ideais humanos. Com a evolução da história da humanidade, a estética e arte passaram de uma simples função ou técnica para um lugar mais íntimo e transcendental.

2.2 A Percepção Infantil

Para Vygotsky (1991), o experimento social é importante, assim como o processo de imitação para o desenvolvimento humano, principalmente durante a infância. Com a imitação a criança internaliza os padrões apreendidos durante o processo de aprendizagem, com isso a criança adquire habilidades, comportamentos e valores. Esse entendimento dá um norte para a construção da percepção de beleza e feiura pelas crianças.

> (...) o raciocínio prático da criança apresenta alguns pontos semelhantes com o pensamento adulto, diferindo em outros, além de enfatizarem o papel dominante da experiência social no desenvolvimento humano. De acordo com sua visão, a experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular. Eles sugerem que as ações, quando repetidas, acumulam-se, umas sobre as outras sobrepondo-se como numa fotografia de exposição múltipla; os traços comuns tornam-se nítidos e as diferenças tornam-se borradas (Vygotsky, 1991, p.18).

A percepção de beleza e feiura para uma criança não é algo que nasce com ela, esta é construída de acordo com sua interação com o mundo ao seu redor, suas relações sociais e com o ambiente. O adulto que tem contato com essa criança tem papel fundamental na aquisição do conhecimento dela, pois através de sua linguagem, comportamento, postura e atitudes influenciará o entendimento estético dessa criança.

Howard Gardner, em sua teoria das Inteligências Múltiplas, nos mostra um entendimento revolucionário a respeito da inteligência, onde ressalta sua forma diversa de se mostrar e manifestar. De acordo com Gardner (1995), "cada indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos", e esses são desenvolvidos à medida que o indivíduo recebe estímulos culturais e sociais. Esse conhecimento é importante para analisar como o aprendizado e desenvolvimento humano são construídos.

> Para Gardner (1995) cada indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos ainda não moldados pela cultura, e todos os indivíduos sem comprometimentos cerebrais são capazes de atuar em diversos tipos de inteligências. Ele sugere que não existem habilidades gerais, duvida da possibilidade de medir-se a inteligência por meio de testes com papel e lápis e dá grande importância a diferentes atuações valorizadas em culturas diversas (Barros, Albino, 2021, p.152).

Gardner, aponta a influência no desenvolvimento das inteligências que resulta da cultura, dinâmicas sociais e o meio onde o ser humano se desenvolve. Já vimos que o conceito de belo e feio, pode variar de acordo com a cultura, contexto histórico, convenções sociais, logo, o trabalho a ser feito no ambiente pedagógico deve levar em consideração esses fatores e principalmente valorizar a diversidade estética e de ideias.

Com isso, as inteligências múltiplas, possui meios para ajudar a explorar os conceitos de belo e feio, possibilitando que as crianças cresçam com um entendimento adequado, diversificado e abrangente a respeito desse assunto. Para promover um ambiente saudável, inclusivo e enriquecedor no contexto da educação infantil, é necessário a promoção da apreciação da estética, valorização da diversidade e assumir um compromisso com o respeito. Trabalhando com a arte, as linguagens, a natureza e as relações interpessoais (inteligências

múltiplas) é possível desenvolver um ambiente favorável à criatividade e ao estímulo de ideias plurais.

2.3 Artes Visuais e Educação Infantil

Para John Dewey, citado por Lampert e Wosniak (2016), a experiência estética é como o centro e um dos pilares do desenvolvimento humano e da criatividade. A experiência estética não acontece apenas no campo da apreciação, mas ela se desenvolve na participação ativa e criativa com o ambiente ao seu redor. Desta maneira o indivíduo adquire conhecimento de forma universal pois estão trabalhando em conjunto os parâmetros cognitivos, sensoriais e emocionais. O conhecimento estético é o ápice do desenvolvimento humano porque este une atividades mentais como por exemplo a percepção, sensação, inteligência e emoção. Uma experiência estética provoca um refinamento de questões que fazem parte desse processo. Em suma, o ato, o criar, o fazer e experienciar a arte contribui para o desenvolvimento humano, pois este amplia conexões entre o corpo, a mente e o mundo.

> A filosofia de Dewey centra-se principalmente em torno da experiência estética, que é intimamente ligada ao ato criador. Para o autor, a experiência estética é a forma mais elaborada de apreender conhecimento, pois unifica e potencializa processos de inteligência. O estético, como afirma Dewey, unifica o desenvolvimento "esclarecido e intensificado de traços que pertencem a toda experiência normalmente completa (Lampert, Wosniak, 2016, p. 260).

A ação criadora está no ponto central da experiência estética e é uma forte expressão dessa vivência. No ato de criar, envolve-se a experimentação, a imaginação e por consequência a transformação, e esses são direcionados pela sensibilidade estética que abre um leque de possibilidades para o conhecimento e para a inteligência. No campo da educação, Dewey (2010) dá ênfase à experiência estética longe da memorização de conteúdos, mas que deve ser priorizado nas atividades criativas, sensoriais e exploratórias. No contexto da educação infantil, pode direcionar essa abordagem com atividades artísticas, investigações e brincadeiras que desenvolvam a imaginação, criatividade e percepção estética.

> A filosofia da Arte como experiência defendida por John Dewey compreende que a Arte envolve todo o organismo humano de maneira mais significativa, mais do que a Ciência (DEWEY, 2010). Esse envolvimento implica as características mais complexas e elevadas do pensamento (Lampert, Wosniak, 2016, p.264).

Para Ferraz e Fusari (1993) a cotidianidade tem sua importância no processo de construções sociais e culturais para as crianças, assim como o entendimento de beleza e feiura. Essa construção de maneira ativa se deve ao fato da criança participar de forma dinâmica e interagir com as pessoas ao seu redor e com o ambiente em que ela faz parte. No cotidiano, existe uma variedade de estímulos e interações que constroem as percepções e os julgamentos das crianças. Por meio de vivências, experiências como a observação de objetos, participação de jogos e brincadeiras, ouvir os adultos, a criança constroi suas ideias subjetivas e culturais a respeito do que é belo e feio.

Segundo Ferraz e Fusari,

> É na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiura, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência. (Ferraz; Fusari, 1993, p. 42).

No contexto educacional, é de suma importância o entendimento de que as crianças não possuem conceitos estéticos prontos, pois eles são construídos gradativamente. A função do educador é possibilitar a ampliação dessas percepções, promovendo experiências enriquecedoras e diversas que incentivem a observação e apreciação estética. Ao expor as crianças a diferentes tipos de arte e culturas, o educador estará ajudando a ampliar seu repertório e enriquecendo seu entendimento do que é belo e feio.

2.4 Estética Ecológica e a Experiência da Beleza

A relação entre natureza e arte é antiga e complexa, permeando diferentes tradições filosóficas e estéticas. No Ocidente, pensadores como Roger Scruton (2009) defendem a importância da beleza natural e artística como um elemento essencial para a vida humana, capaz de orientar a percepção, despertar emoções e cultivar valores éticos. A beleza, para Scruton, não é apenas uma qualidade formal ou decorativa, mas uma forma de experiência que promove harmonia, sentido e reflexão, contribuindo para a formação integral do indivíduo.

Umberto Eco (2004) também ressalta a dimensão cultural da estética, apontando que a percepção do belo e do feio é mediada por símbolos, narrativas e contextos históricos. A educação estética, portanto, não deve se restringir à análise formal ou ao julgamento normativo, mas estimular a sensibilidade do sujeito, sua capacidade de perceber relações, padrões e significados na natureza e na arte.

A partir dessa perspectiva, a estética ecológica surge como um campo que integra **experiência sensível, reflexão ética e consciência ambiental**. Enquanto a tradição ocidental muitas vezes criticou a pintura de paisagem por reduzir a natureza a objeto de contemplação formalista, filósofos como **Carlson (1981)** e **Saito (1998)** propõem que a apreciação estética deve considerar o contexto ecológico, reconhecendo o valor intrínseco e a complexidade dos ambientes naturais. Ambientes tradicionalmente considerados "feios", como pântanos ou áreas degradadas, passam a ser vistos como partes essenciais do ecossistema, dignos de observação, cuidado e respeito.

Na tradição chinesa, a pintura de paisagem e o pensamento filosófico (influenciados pelo **Taoísmo e Budismo**) valorizam a unidade entre o ser humano e a natureza. Conceitos como **Qi** ou força vital orientam a criação artística, priorizando a expressão do espírito e da energia do ambiente, em vez de sua reprodução literal (Parsons & Zhang, 2018). A estética ecológica chinesa enfatiza que a contemplação da natureza é relacional, integrando emoção, sensibilidade e conhecimento — elementos que se mostram extremamente relevantes para a educação infantil.

A aplicação da estética ecológica na educação infantil oferece oportunidades para desenvolver a sensibilidade estética das crianças. Ao contrário de abordagens tradicionais, que reforçam juízos normativos de "bonito" ou "feio", a estética ecológica valoriza processos, experiências sensoriais e relações com o meio. Por exemplo, ao trabalhar com materiais naturais ou recicláveis — folhas, galhos, pedras — a criança aprende a perceber a beleza na diversidade, nas formas irregulares e nos detalhes que passam despercebidos em modelos convencionais. Estudos mostram que atitudes formadas na infância tendem a se manter ao longo da vida (Caro et al., 1994; Marchini & Macdonald, 2012). A educação estética ecológica, ao integrar arte, natureza e sensibilidade, permite que crianças desenvolvam um olhar ético e empático, respeitando o valor intrínseco de cada elemento natural e artístico. Além disso, promove uma experiência estética holística, que inclui percepção visual, auditiva, tátil e emocional, aproximando a criança de uma relação profunda e significativa com o mundo ao seu redor (Sun, 2022; Xie, 2022).

Entre as estratégias pedagógicas mais efetivas destacam-se:

- Criação artística com materiais naturais, valorizando a singularidade de cada objeto;
- Observação de ciclos naturais e exploração sensorial de ambientes externos;
- Diálogos estéticos, em que crianças compartilham percepções, emoções e significados sem julgamentos normativos;

- Integração entre arte, cuidado e consciência ambiental, promovendo respeito à vida e à diversidade.

A estética ecológica também permite resignificar o conceito de feiura, aproximando-o de uma percepção funcional, ética e relacional. Pesquisas demonstram que narrativas culturais moldam o modo como percebemos animais ou ambientes, muitas vezes gerando rejeição ou medo injustificados (Williams et al., 2021). Ao inserir conceitos de eco estética na educação, é possível transformar essas percepções, destacando valores como utilidade ecológica, equilíbrio e pertencimento. A experiência estética passa, assim, a ser relacional, em que o belo e o feio são compreendidos não como categorias absolutas, mas como elementos da experiência do sujeito e de sua interação com o meio (Scruton, 2009; Eco, 2004).
A estética ecológica, ao integrar conceitos clássicos de beleza, percepção sensível e consciência ambiental, oferece um fundamento teórico sólido para práticas educativas inovadoras, especialmente na educação infantil. A beleza deixa de ser apenas um atributo formal ou decorativo, tornando-se uma experiência ética, sensível e transformadora. O Produto Educacional desenvolvido a partir dessa perspectiva valoriza a ludicidade, a imaginação e a observação da natureza, criando condições para que crianças vivenciem a arte e a natureza de forma integrada, empática e significativa.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Justificativa

A infância é um período sensível para a formação de percepções estéticas e de valores sobre o mundo. Muitas vezes, crianças aprendem desde cedo que certas coisas são “feias” ou “bonitas” com base em padrões fixos, o que pode limitar sua sensibilidade e imaginação. A proposta aqui é criar experiências que valorizem a diversidade da natureza, o sentir e o imaginar, e estimulem o respeito ao ambiente natural como algo vivo e cheio de significados.

3.2 Objetivos

- Estimular o olhar sensível da criança para diferentes formas da natureza, valorizando o contato direto e a experiência estética.

- Desenvolver o gosto por explorar, imaginar e representar a natureza por meio de linguagens artísticas (pintura, desenho, dramatização, contação de histórias).
- Ampliar o vocabulário estético das crianças para além da oposição “bonito e feio”, incentivando palavras que expressem textura, cheiro, som, forma, cor e sensações.
- Favorecer o respeito e o cuidado com os elementos naturais, reconhecendo-os como parte viva e significativa do ambiente.
- Incentivar a escuta sensível e a convivência em grupo, valorizando as percepções individuais e coletivas.

3.3 PÚBLICO-ALVO

- Crianças de 4 a 6 anos (Educação infantil).

3.4 ATIVIDADES PROPOSTAS

Atividade 1: Passeio sensível – “A natureza que mora aqui”

Objetivo: Observar, tocar, cheirar e escutar elementos naturais próximos à escola ou ao quintal.

Passo a passo:

1. Conduzir as crianças em silêncio por alguns minutos no pátio, jardim ou arredores.
2. Incentivar que fechem os olhos em alguns momentos e apenas escutem os sons.
3. Parar em pontos específicos para tocar em pedras, cascas, folhas.
4. Retornar para a sala ou pátio e partilhar: cada criança pode escolher um elemento que chamou a atenção e descrevê-lo com palavras ou gestos.

Exemplo de registro: mural coletivo com desenhos rápidos dos elementos observados, acompanhados de palavras sugeridas pelas crianças (“macio”, “cheiro de chuva”, “barulho de

vento”).

Figura 3 - Menino segurando flor.

Fonte: Disponível em: https://sunkids.com.br. Acesso em: 20 set. 2025.

Atividade 2: Pintura do invisível – “O vento tem cor?”

Objetivo: Expressar sensações da natureza por meio da pintura, sem compromisso com o “bonito”.

Passo a passo:

1. Preparar tintas naturais (terra, folhas amassadas, flores, açafrão) ou usar tintas escolares atóxicas.
2. Distribuir papéis grandes no chão ou nas mesas, pincéis grossos e esponjas.
3. Convidar as crianças a responder perguntas abertas por meio da pintura: “Como você pinta o vento?”, “Que cor tem o barulho da árvore?”, “E o cheiro da chuva?”.
4. Montar uma pequena exposição na própria sala para que as crianças apreciem a diversidade de respostas.

Exemplo de registro: fotografar as pinturas em conjunto e criar um “livro de sensações da

turma".

Atividade 3: História inventada – "A árvore que sentia cócegas"

Objetivo: Estimular a imaginação ecológica e a empatia com seres não humanos.

Descrição: O professor conta uma história inventada sobre um elemento da natureza (ex: "A pedra que adorava ouvir histórias" ou "A borboleta que pintava com os pés"). Depois, convida as crianças a criarem histórias em roda ou em duplas.
Variação: Desenhar ou dramatizar a história inventada.

Exemplo de registro: mural com desenhos das histórias inventadas; gravação de vídeo das dramatizações.

Atividade 4: Espelho da natureza – "Bonito, feio… ou diferente?"

Objetivo: Trabalhar a diversidade sem julgamento de "bonito ou feio".

Passo a passo:

1. Organizar uma roda com elementos diversos (galho seco, folha rasgada, flor murcha, pedra suja, casca de árvore).
2. Perguntar: "Que palavras você usaria para descrever isso?", "Que forma ele tem?", "Parece com o quê?".
3. Incentivar respostas ligadas a cores, texturas, sons e sentimentos.
   Montar um mural coletivo com palavras sensíveis escolhidas pelas crianças.

- **Exemplo de registro**: mural "As palavras da natureza" com cartões escritos pelas

crianças e colados ao redor das imagens dos elementos naturais.

Atividade 5 – As cores do manguezal

- **Objetivo:** Explorar a diversidade de cores, formas e texturas de um ambiente natural específico.

- **Descrição:** Mostrar imagens ou pequenos vídeos de um manguezal. Conversar sobre os animais e plantas que vivem ali, destacando que mesmo a lama, as raízes tortas ou os urubus fazem parte de um ecossistema rico.

- **Passo a passo:**

    1. Exibir imagens em papel ou projetadas.
    2. Perguntar: “Que cores você vê?”, “Esse lugar parece fazer que som?”, “O que você sente olhando para isso?”.
    3. Propor que as crianças criem um painel coletivo com colagens de papéis

coloridos, tecidos ou folhas representando o manguezal.

- **Exemplo de registro:** mural coletivo com colagem “Nosso manguezal imaginado”.

Figura 4 - Manguezal

Fonte: Pinterest/Reprodução.

Atividade 6 – O olhar do urubu

- **Objetivo:** Desconstruir preconceitos estéticos associados a animais considerados “feios”.

- **Descrição:** Mostrar uma foto de urubu e conversar sobre sua função na natureza (limpar restos, evitar doenças, equilibrar o ambiente).

- **Passo a passo:**

    1. Perguntar: “O que você vê nesse animal?”, “Ele é útil? Para quê?”, “O que você acha que o urubu enxerga lá do céu?”.
    2. Convidar as crianças a desenhar ou pintar o mundo como se fossem urubus

voando bem alto.

3. Expor os trabalhos com o título: *O mundo pelos olhos do urubu*.

Exemplo de registro: exposição dos desenhos acompanhados de frases das crianças.

Atividade 7 – Natureza sonora

- **Objetivo:** Explorar a dimensão auditiva da natureza.

- **Descrição:** As crianças escutam sons gravados (vento, chuva, canto de pássaros, grilos, ondas, estalos de galho).

- **Passo a passo:**

    1. Reproduzir diferentes sons em sala ou no pátio.
    2. Pedir que as crianças associem um movimento, uma cor ou uma forma para cada som.
    3. Criar uma pintura coletiva com pinceladas que "dançam" ao ritmo dos sons.

- **Exemplo de registro:** fotografar a tela coletiva como obra da turma.

Atividade 8 – Museu da coleta

- **Objetivo:** Valorizar pequenos elementos naturais e desenvolver a observação detalhada.

- **Descrição:** As crianças coletam folhas, pedras, galhos ou sementes durante o passeio sensível.

- **Passo a passo:**

    1. Selecionar um objeto natural que chamou atenção.
    2. Colocar cada objeto em uma caixa ou mesa, como se fosse uma peça de

museu.

3. Cada criança cria uma plaquinha com uma palavra inventada ou sentimento associado ao objeto.
4. Montar um “Museu da Natureza” na sala.

- **Exemplo de registro:** fotografar as “exposições” montadas pelas crianças.

Atividade 9 – Retratos da imperfeição

- **Objetivo:** Ressignificar a ideia de imperfeição como beleza singular.

- **Descrição:** Entregar folhas amassadas, pedaços de papel rasgado ou objetos naturais quebrados (galhos, flores secas).

- **Passo a passo:**

1. Pedir que as crianças olhem com calma e descrevam o que veem.
2. Transformar os objetos em desenhos ou colagens, destacando suas formas e texturas únicas.
3. Montar um painel com o título *Diferente como eu*.

- **Exemplo de registro:** mural de colagens com fotos dos objetos reais ao lado.

3.5 MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Materiais naturais (folhas, galhos, sementes, pedras);
- Tintas naturais (ou tintas escolares atóxicas);
- Pincéis e papéis grandes; Espaço ao ar livre ou sala arejada;
- Histórias e músicas relacionadas à natureza;
- Folhas de papel, lápis, borracha;
- Câmera fotográfica ou celular para registro.

3.6 AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua e baseada na observação das crianças durante as atividades:

- Capacidade de escuta sensível;
- Participação com curiosidade e imaginação;
- Uso de novos vocabulários estéticos (“macio”, “leve”, “com cheiro de flor”);
- Respeito aos elementos da natureza durante as explorações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência estética, desde cedo, constituiu-se como uma dimensão essencial da vida humana. Longe de ser apenas um atributo externo ou um julgamento normativo, a beleza é, como nos lembra Scruton (2013), uma forma de atenção cuidadosa, um modo de habitar o mundo com profundidade e respeito. Eco (2004) mostra que ela se constrói historicamente em diferentes culturas, assumindo múltiplas formas e significados, mas sempre preservando a sua

capacidade de provocar admiração, encantamento e abertura. Dewey (2009), por sua vez, enfatiza que a beleza se revela no próprio fluxo da experiência, no encontro entre sujeito, objeto e contexto.

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender de que maneira a infância, ainda tão permeada por descobertas e sensibilidades, pode se tornar um terreno fértil para a educação pela beleza. Desde pequenas, as crianças percebem e reproduzem julgamentos estéticos, muitas vezes marcados por estereótipos ou exclusões. O ensino de Artes Visuais pode ampliar essas percepções, oferecendo experiências que ressignifiquem o olhar e façam florescer uma estética do encontro, da diversidade e da natureza.

As atividades propostas no Produto Educacional, como o passeio sensível, a pintura das sensações, a criação de narrativas visuais e o contato com elementos naturais, confirmam que é possível cultivar a beleza de forma cotidiana, sem reduzi-la a ornamento ou aparência. Ao contrário, trata-se de revelar o que há de belo no inesperado, no diferente, no gesto criativo da criança, no vínculo que se estabelece com os colegas e com o ambiente. Assim, a arte na educação infantil deixa de ser apenas técnica e torna-se caminho de encantamento e transformação.

Os objetivos delineados, estimular o olhar sensível da criança para a natureza, ampliar o vocabulário estético, favorecer o respeito ao ambiente e incentivar a imaginação, apontam para um ensino em que a beleza não é fim em si mesma, mas meio de formação integral. A beleza aqui se torna experiência ética, porque educa para o respeito; estética, porque abre os sentidos; e ecológica, porque une arte e natureza em uma mesma trama de pertencimento.

Esse percurso se debruça em referenciais que defendem a centralidade da estética no desenvolvimento humano. Gardner (1994) lembra que as inteligências múltiplas incluem a dimensão artística e sensível; Vygotsky (1991) mostra que o simbólico e a imaginação são estruturantes do pensamento; Scruton (2009; 2013) aponta que a beleza dá sentido à vida; Eco (2004) nos lembra que a história da beleza é também a história da humanidade. Todos reforçam que a arte e a estética não são complementos, mas fundamentos da formação humana.

O que este trabalho propõe é uma mudança de olhar: compreender que a beleza, quando cultivada desde a infância, não é luxo ou adorno, mas necessidade vital. Ela educa para a

contemplação, para o cuidado, para a convivência com o diverso. Ela humaniza, desperta a sensibilidade e fortalece vínculos de pertencimento com o mundo natural e com os outros.

Conclui-se, portanto, que o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil pode e deve ser um espaço de celebração da beleza em sua pluralidade, a beleza que se encontra no detalhe de uma folha, no traço inesperado de um desenho, no riso coletivo durante uma criação, no silêncio contemplativo diante da natureza. Ao permitir que as crianças experimentem, inventem e reconheçam a beleza em múltiplas formas, o professor não apenas ensina arte, mas contribui para formar sujeitos mais sensíveis, respeitosos e conscientes.

O desafio de uma educação estética inclusiva, transformadora e que desenvolve um olhar sensível é contínuo, mas cada gesto que valoriza o fazer artístico nesse processo criativo, nas relações de cuidado, na observação do mundo, já é um passo em direção a uma sociedade mais humana. Que a escola seja, então, um espaço em que se aprenda a ver e a criar belezas, e que possamos, como educadores, manter viva a pergunta: que belezas ainda não estamos reconhecendo? E, ao acolhê-las, que mundo mais belo estamos ajudando a construir?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, Letícia Moreira de Souza; BARROS, Sarah Gonçalves. A teoria das inteligências múltiplas de Gardner e sua contribuição para a educação. *Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate*, v. 7, n. 1, p. 148, jan./dez. 2021.

ARRUDA, Tamara Martielle B. P. de; DEUS, Ana Iara Silva de. Educação estética: um percurso, uma trajetória, um convite à arte. *Latin American Journal of Development*, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 1633-1641, mai./jun. 2021. DOI: 10.46814/lajdv3n3-048.

BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias de sublime e belo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUSS, Juliana; STOLTZ, Tania. Percepções de crianças sobre padrões de beleza. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2020.

CALICOTT, J. *Earth's insights: a survey of ecological ethics from the Mediterranean basin to the Australian outback*. Berkeley: University of California Press, 2003.

CARLSON, A. *Aesthetics and the environment: The appreciation of nature, art and architecture*. New York: Routledge, 1981.

CARO, T. et al. Behavioral ecology and conservation. *Biological Conservation*, v. 68, n. 1-2, p. 1–14, 1994.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DICKMAN, A. et al. Human-wildlife conflict. London: Cambridge University Press, 2013.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Educação estética: as possibilidades do sensível na formação humana*. Petrópolis: Vozes, 2001.

ECO, Umberto. *História da beleza*. São Paulo: Record, 2004.

ECO, Umberto. *História da feiura*. São Paulo: Record, 2007.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.

GARDNER, Howard. *A estrutura da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HOLMES, G. et al. Biodiversity conservation and the cultural dimension. London: Routledge, 2018.

JIAO-LU, Li. The cultivation of aesthetic sense in dance teaching. *Top Journal of Educational Technology*, Washington DC, v. 7, n. 4, p. 21, jul./ago. 2022. Disponível em: https://topjournals.org/index.php/TJET/. Acesso em: 5 abr. 2025.

JIMENEZ, Marc. *O que é Estética?* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JING, S. The relationship between education and learning from the perspective of ecological aesthetics. *Top Journal of Educational Technology*, Washington DC, v. 7, n. 4, p. 21, jul./ago. 2022. Disponível em: https://topjournals.org/index.php/TJET/. Acesso em: 5 abr. 2025.

LUO, M. Ecological aesthetics education and the cultivation of college students' ecological quality. *Top Journal of Educational Technology*, Washington DC, v. 7, n. 4, p. 21, jul./ago. 2022. Disponível em: https://topjournals.org/index.php/TJET/. Acesso em: 5 abr. 2025.

MARCHINI, S.; MACDONALD, D. Behavioural ecology in conservation. *Animal Conservation*, v. 15, p. 3–12, 2012.

MARTINI, Fatima Sans. *Arte Ref. Pintura inglesa, o Iluminismo e a Estética no século XVIII*. Disponível em: . Acesso em: 24 jan. 2025.

MENG, X. Aesthetic ability as a basis for humanistic education. *Top Journal of Educational Technology*, Washington DC, v. 7, n. 4, p. 21, jul./ago. 2022. Disponível em: https://topjournals.org/index.php/TJET/. Acesso em: 5 abr. 2025.

OLIVEIRA, Rodolfo Augusto Melo Ward. Universidade de Brasília. *UnB Notícias*. Você sabe o que é estética? O Belo, a arte e a antropologia? Disponível em: https://noticias.unb.br/artigos-main/4635-voce-sabe-o-que-e-estetica-o-belo-a-arte-e-a-antropologia-o-inicio-da-disciplina-estetica#:~:text=Para%20Plat%C3%A3o%20(340%20a.C.)%20o,a%20verdade%20harm%C3%B4nica%20do%20cosmo. Acesso em: 24 jan. 2025.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho; NUNES, Sandra Conceição. Para conversar com os alunos sobre a "feiura" da arte contemporânea. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 29., 2020, São Paulo. *Anais*... São Paulo: ANPAP, 2020.

ORMEZZANO, Maria Laura. *Estética: origens e perspectivas contemporâneas*. São Paulo: UNESP, 2007.

ORMEZZANO, Maria Laura; FEDERIZZI, Vânia. *Estética e Educação: o sentido do sensível na formação humana*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

PARSONS, Glenn; ZHANG, Xin. Appreciating nature and art: Recent Western and Chinese perspectives. *Contemporary Aesthetics*, v. 16, art. 10, 2018. Disponível em: https://digitalcommons.risd.edu/liberalarts_contempaesthetics/vol16/iss1/10. Acesso em: 5 abr. 2025.

PARSONS, M.; ZHANG, S. Eco-aesthetics: Chinese and Western perspectives on art and nature. *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 76, n. 2, p. 123–138, 2018.

PEDROSO, Juliane Grasielle; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. *O ensino da arte na educação infantil*. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

SAITO, Y. *Everyday aesthetics*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

SCRUTON, R. *Beauty: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SCRUTON, Roger. *Beleza*. Trad. Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2013.

SILVA, Antonia Gilcicleide Alves da; FACCHINI, Maria Antonia; BULGARÉLLI, Léia dos Santos. Ensino de artes na educação infantil, uma questão de desenvolvimento. *ISCI - Revista Científica*, n. 4, 2022.

SUN, Y. *Eco-aesthetic pedagogy in dance education*. Beijing: People's Education Press, 2022.

SUN, Yufei. Ecological aesthetics as a theoretical basis for the reform of dance teaching. *Top Journal of Educational Technology*, Washington DC, v. 7, n. 4, p. 20–21, jul./ago. 2022. Disponível em: https://topjournals.org/index.php/TJET/. Acesso em: 5 abr. 2025.

VILELA, Ronaldo. *A arte na formação do sujeito: estética, ética e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WILLIAMS, J. et al. Educational interventions and cultural perceptions of wildlife: the role of owls in South African schools. *Environmental Education Research*, v. 27, n. 4, p. 515–532, 2021.

XIE, L. *Children's aesthetic education in an ecological context*. Shanghai: East China Normal University Press, 2022.